

# Jovens de hoje trocam a luta política pela econômica

Eles estão de novo nas ruas exibindo seus belos rostos jovens, velhas palavras de ordem e a eterna utopia. Podem lembrar a juventude de 68, ou de 79, mas são, por um forte motivo, diferentes. Os estudantes secundaristas de hoje, irritados com os aumentos das mensalidades escolares, atravessaram durante a sua vida a mais violenta aceleração inflacionária jamais vivida pelo país.

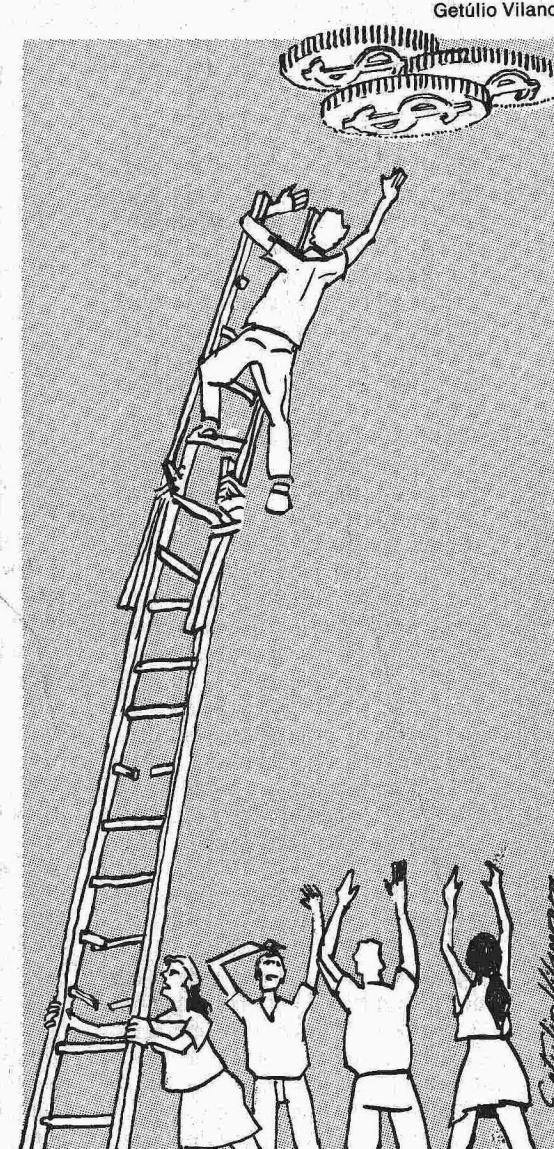
Cláudia Levy, por exemplo, nasceu quando o Brasil tinha uma taxa anual de inflação de 15%. Quando fez um ano, a inflação já estava em 40%. Aprendeu a fazer as primeiras contas quando o país pulava para o patamar dos 100% anuais. E depois assistiu a sucessivos saltos de patamares e chega aos 16 anos quando a taxa anual fica pelo menos em 1.200%.

Como outras gerações de jovens, eles não gostam de rótulos, mas bem que poderiam ser chamados de geração da explosão inflacionária. A febre das remarcões foi tão constante em suas vidas que deixou marcas. Gritando na Cinelândia, na quinta-feira, contra a alta das mensalidades escolares, Cláudia não hesita para dizer a cotação do dólar no paralelo. "Está em NCz\$ 4,40." Ela sabe porque pede ao seu pai a mesada em moeda forte. O salário mínimo ela erra por pouco. "Está em NCz\$ 180,00", mas acerta quando acha tudo caro: da alimentação aos ônibus. Nos seus planos econômicos está uma reforma agrária que mantenha o homem no campo. Ela acha que assim não haveria na cidade "tanta empregada". Sua mãe, que provavelmente deve andar às voltas com a escassez de mão-de-obra nesta área não deve aprovar as ideias da filha.

Rodrigo Resende, aluno do Bahiense, fez a mesma trajetória inflacionária de Cláudia. Aos 16 anos, responde com precisão a mensalidade da sua escola: NCz\$ 328,00. Provavelmente, números tão precisos escapariam à geração 68, que viu os militares derrubarem o regime constitucional apenas porque a inflação batera em 80%. Nas utopias de Rodrigo não está um remédio fácil para acabar com a inflação: "Congelamento não adianta porque, quando descongelar, os preços sobem mais." Andréa Cristina Pereira e Silva, 16 anos, aluna do Santa Úrsula, receita, em vez de congelamento, "um controle rígido de preços".

A cultura inflacionária destes jovens deixaria boquiabertos os pretensos leitores de Marcuse em 68. "Eu sei que o litro de leite passou de NCz\$ 0,60 para NCz\$ 2,00", revoltou-se Marcela Maria Machado, 14 anos, estudante do Colégio Gama Filho. Errou por muito pouco. O litro do leite B está em NCz\$ 2,17, e não em NCz\$ 100 como recentemente arriscou o candidato Aureliano Chaves em debate na televisão.

Eles sabem de cor o preço de suas mensalidades e conseguem dizer com precisão como elas evoluíram mês a mês desde a decretação da liberdade vigiada que tentam derrubar. Conseguem repetir o preço de revista em quadrinho, chicletes, pão e de entrada no cinema. Reclamam da desvalorização constante de suas mesadas e os mais velhos já acertam um bico para enfrentar a queda do poder de compra da moeda. Estevão Ricardo de Souza, de 18 anos, trabalha de vez em quando como fotógrafo de leilões para um tio, que é dono de uma agência de publicidade. É preciso suar a camisa, porque a entrada da discoteca já custa NCz\$ 20,00, o que consome 70% do que recebe do pai por semana. A exemplo de Cláudia, Estevão quer manter a população no



Getúlio Vilanova

## A opinião da galera



**Andréa Cristina Desiludida**  
Com os congelamentos, ela acha que a solução passa por "um controle rígido de preços"



**Estevão Ricardo**  
Quer manter a população no campo, "porque assim produziremos mais e exportaremos mais"



**Cláudia Levy**  
Também quer o homem no campo e defende uma reforma agrária, para que não haja "tanta empregada" na cidade



**Alexandre**  
Prepara-se para uma carreira militar, mas enquanto isso engrossa o coro dos descontentes e vai à luta



**Rosemary Bezerra**  
O rosto triste revela o sofrimento de uma geração que, como as outras, também sonha com um país melhor



**Jorge Eduardo**  
Contra a pressão internacional defende o controle das matérias-primas: "A retaliação deve ser feita por nós"

campo. "Porque assim produziremos mais e exportaremos mais", calcula.

Fora o admirável conhecimento acumulado na área de preços e custos, os jovens que voltam agora à rua repetem velhos clichês: "Tudo é culpa de Portugal. Se o Brasil tivesse sido colonizado pela Inglaterra, nossa situação hoje seria diferente", repete Jacson Luiz de Assis Calado, 18 anos, aluno do Colégio Militar. Inspirado na disciplina que aprendeu, ele admira mesmo é o exemplo japonês.

Se existe consenso entre eles em matéria de política econômica é quando se trata de dívida externa: todos querem deixar de pagar a dívida e repetem a sensação de que o Brasil já pagou demais. Rosângela Bezerra, 16 anos, aluna do Gama Filho, acha que "esta dívida já está paga há muito tempo". Os banqueiros que se cuidem, porque eles são eleitores de diversas tendências políticas: vão de Guilherme Afif a Roberto Freire, mas com a mesma disposição de fazer uma moratória dos juros da dívida.

Defensores do verde, nem que seja para seguir o modismo, eles demonstram, nas respostas que dão a respeito, que fracassou a estratégia de marketing americana de se colocar como os defensores da Amazônia brasileira. Vários dos jovens ouvidos culpam os Estados Unidos pelo desmatamento que ocorre na maior floresta tropical do mundo. "Esta história é coisa de americano. Eles querem tomar a Amazônia", sustenta Patricia Pimenta, 14 anos, aluna do Colégio Menezes Cortes, em Jacarepaguá. Jacson Luiz concorda com esta tese. Jorge Eduardo Rangel, 17 anos, do Colégio Legrande, em Botafogo, acha que o controle das matérias-primas deve ser usado como uma arma contra os banqueiros que nos ameaçam com a dívida externa. "A retaliação deve ser feita por nós." Estevão de Souza acha que americanos e europeus primeiro destruíram as próprias florestas e rios e "agora querem nos dizer como cuidar dos nossos". Ou seja, de nada adiantam as pressões dos países ricos pela preservação da natureza. Como estudantes de qualquer época, acham que os vilões são mesmo os Estados Unidos, que vivem cobiçando as riquezas brasileiras. Nem a adesão de Sting à causa moveu-os. Eles acham que este é um assunto interno. O Itamarati não diria melhor. (Cristina Palmeira)